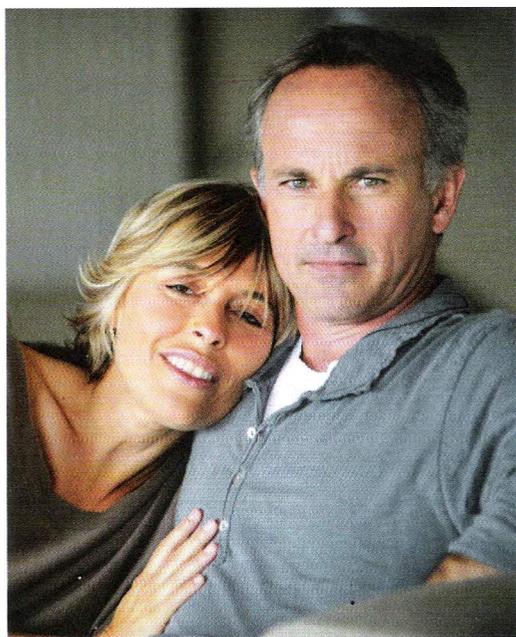


# ABMM destaca debate sobre a diferença de gêneros

Saber lidar com as particularidades de homens e mulheres agrega eficiência aos diagnósticos e tratamentos



## ADRIANE PANCOTTO

Compreender que homens e mulheres são diferentes em vários aspectos, que influenciam sobremaneira sintomas, diagnósticos e tratamentos de muitas doenças, é questão bastante recente, visto a história da Medicina. Porém, o tema vem alavancando debates e modificando a forma de avaliação dos pacientes. Um trecho retirado do “Manual de Formação para perspectiva de Gênero na Saúde” ilustra bem o que, na prática, esse conhecimento – ou a falta dele – significa.

“Quando seu médico lhe indagou sobre a sua indigestão, a Sra. Smith disse que lhe incomodava mais quando ela ia caminhando (...) depois de um quarteirão e meio ao longo da rua ligeiramente inclinada para cima, ela sentia uma pressão terrível no peito, uma sensação de acidez que queimava na garganta, um pouco de náusea e braços doloridos.” Os exames na região do estômago da mulher de 68 anos não

apontaram nada e a senhora Smith voltou para casa. Dois dias depois, ela sofreu um infarto.

O manual foi traduzido do inglês pela endocrinologista Anna Maria Reisner Martits e disponibilizado no portal da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM), da qual a médica é diretora de Assuntos Internacionais. O objetivo é informar médicos brasileiros sobre as diferenças entre os gêneros, agregando eficiência aos diagnósticos e tratamentos.

De acordo com Marilene Rezende Melo, presidente da ABMM, entre os cardiologistas da capital paulista, apenas 25% têm informações consistentes sobre essas diferenças. “Tanto o diagnóstico quanto a medicação e o prognóstico devem respeitar os gêneros.

Além disso, é fundamental repensar a maneira de se testar medicamentos. “Nos estudos em cobaias, é preciso também utilizar fêmeas. Existem doenças autoimunes que são muito mais graves nas fêmeas, com morte em um tempo mais curto”, reforça a reumatologista Ivone Minhoto Meinão, presidente da ABMM São Paulo. E ainda acrescenta: “A discussão deve ser levada aos cursos de Medicina”.

De acordo com Marilene, países como Estados Unidos, Canadá, Austrália e Alemanha já estão bem avançados neste debate e realizam, com certa frequência, congressos para aprofundamento das discussões, com participação da ABMM. A Associação tem buscado disseminar informação sobre diferença de gênero sempre que possível. “Em 7 de agosto, por exemplo, tivemos uma aula na Associação Paulista de Medicina sobre obesidade, identificando pontos essenciais dessas diferenças”, reforça.

Da mesma maneira, a Seção São Paulo da ABMM promove, entre 4 e 7 de março de 2015, o Congresso Pan-Americano de Mulheres Médicas, em São Paulo, que terá palestras sobre gênero em doenças cardíacas, autoimunes, endócrinas e neurológicas. 